

O ensino de história e as representações sobre as religiões afro-brasileiras no ensino médio.

Profa Dra Jaqueline Zarbato

(Centro Universitário Municipal de São José-USJ e Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC)

Eixo temático III: Disciplinas escolares ("disciplinas-saber")

RESUMO

Este texto pretende abordar a utilização das representações sobre as religiões afro brasileiras no ensino de História, no Ensino Médio. Parte-se do pressuposto da interculturalidade e diversidade para fundamentar as discussões sobre o que se pretende ensinar na História. A pesquisa, ainda em andamento, visa aprofundar as reflexões sobre a inserção de temas geradores no ensino de História.

Abordar as representações sobre as religiões afro brasileiras no ensino de História no Ensino Médio é um desafio. Num contexto em que os currículos apontam para a eliminação das relações hierárquicas, assimétrica nas escolas, busca-se problematizar os espaços de formação em que se questionam os padrões educativos ancorados por uma predominância dada culturaocidental, apresentando as manifestações do sistema religioso judaico-cristão.

Neste sentido, a permanência de estudos na Educação básica que ‘silenciam vozes’, que remontam alguns cenários históricos em detrimento de outros se faz necessário contextualizaras reflexões sobre as religiões de origem afro e de que forma, são apresentadas nas aulas de História. Com o objetivo de ampliação da democracia, incorporados no conjunto desconhecimento proposto no ensino de História, da expressão cultural dos grupos afro.

Refletindo e problematizando os estudos de História no Ensino médio, que aindaapresentam a divisão das histórias antiga, medieval, moderna e contemporânea. Relacionando assim, a inserção das discussões sobre as religiões afro ou não, em meio a estes períodos históricos. E, principalmente, que implicações os currículos do Ensino médio apontam para a problematização, reflexão sobre a representação das religiões afro, bem como da interlocução dos professores de História.

No caso desta pesquisa, ainda em andamento, buscamos refletirem algumas escolas públicas, situadas na Grande Florianópolis(São José, Florianópolis) de que maneira são representadas as religiões afro brasileiras no ensino de História, no Ensino Médio. Focando nas fontes produzidas para as aulas de História, assim como nas narrativas de educandos e professores.

A primeira parte da pesquisa se deu pelo mapeamento das escolas, bem como dos registros documentais e fontes utilizadas no ensino de História de das religiões afro brasileiras. Na sequencia serão produzidas entrevistas com professores e educandos do Ensino Médio.

ALDB 9394/96, em seu artigo 35 destaca o campo de análise da educaçãomédia, estabelece suas finalidades, afirmando o direito para continuar

estudando e aprendendo, paratrabalhar e para pertencer autonomamente à comunidade local e nacional. Segundo o documento:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I. a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II. a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III. o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV. a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria e a prática, no ensino de cada disciplina.

Percebe-se a busca pela ampliação dos conhecimentos e a fundamentação do ensino crítico nos educandos. A parte sobre o aprimoramento como pessoa humana, nos encaminha para a fundamentação das discussões sobre as representações das religiões afro brasileiras. De certa forma, a invisibilidade das culturas negras permanece porque não há uma aplicação dos temas sobre as culturas negras nos conteúdos didáticos. Outro obstáculo nesse sentido, deve-se ao despreparo dos professores para efetivar uma política educacional que atenda à valorização de culturas na vivência diária escolar (SILVA, 2002, p. 33).

Mas, se lançarmos nosso olhar para alguns princípios norteadores do Ensino Médio, como a organização curricular, encontramos alguns pressupostos que determinam o (re) conhecimento de temas, problemas e situações pautadas no cotidiano dos educandos.

O documento destaca que deve-se ter:

- visão orgânica do conhecimento, afinada com as mudanças surpreendentes que o acesso à informação está causando no modo de abordar, analisar, explicar e prever a realidade, tão bem ilustradas no hipertexto que cada vez mais entremeia o texto dos discursos, das falas e das construções conceituais;
- disposição para perseguir essa visão, organizando e tratando os conteúdos do ensino e as situações de aprendizagem, de modo a destacar as múltiplas interações entre as disciplinas do currículo;
- abertura e sensibilidade para identificar as relações que existem entre o conteúdo do ensino e as situações de aprendizagem com os muitos contextos de vida social e pessoal, de modo a estabelecer uma relação ativa

entre o aluno e o objeto do conhecimento e a desenvolver a capacidade de relacionar o aprendido com o observado, a teoria com suas conseqüências e aplicações práticas;

A partir do documento pode-se encaminhar que a formação básica a ser buscada no ensino médio será realizada mais pela constituição de competências, habilidades e disposições de condutas. Isso significa encaminhar discussões fundamentadas no conhecimento com dados da experiência cotidiana, a dar significado ao aprendido e o captar o significado do mundo, a fazer ponte entre teoria e prática, a fundamentar a criticamente.

Também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1997, percebe-se a busca em romper com os paradigmas tradicionais, com um movimento de “renovação do ensino de História .

No ensino de História, os PCNs apresentaram uma disciplina de caráter pragmático e um modelo curricular elaborado por especialistas, permeado de múltiplas concepções historiográficas. Para o Ensino Médio, como salienta Bittencourt (2004, p.118), determinava-se:

“a organização dos conteúdos por temas, mas sem elencá-los ou apresentar sugestões, como foi feito para os demais níveis. Tem como preocupação maior aprofundar os conceitos introduzidos a partir das séries iniciais e ampliar a capacidade do educando para o domínio de métodos da pesquisa histórica escolar, reforçando o trabalho pedagógico com propostas de leitura de bibliografia mais específica sobre os temas de estudo e com a possibilidade de dominar o processo de produção do conhecimento histórico pelo uso mais intenso de fontes de diferentes naturezas. Não inclui, entre seus objetivos, a formação de “um historiador”, mas visar condições de maior autonomia intelectual ante os diversos registros humanos, assim como aprofundar o conhecimento histórico da sociedade contemporânea”

Assim, se utilizarmos as concepções propostas por Bittencourt(2004) possibilitamos a reflexão no ensino de História sobre as religiões afro, uma vez que, a organização por temas favorece a produção do conhecimento a partir de sua autonomia intelectual. Entendendo que no Ensino Médio encontramos essa dita ‘autonomia’, propusemos abordar as religiões afro e suas representações, tanto para educandos

quanto para professores. Com o intuito de refletir sobre a negação, invisibilidade e produção do conhecimento histórico acerca deste tema.

Isso porque, os complexos religiosos, entre as demais formas de reconstrução das territorialidades afrodescendentes, tais como escolas de samba e remanescentes de quilombo, são os principais pólos de rearticulação dos universos africanos fora da África. Neles, rearticulam-se os portais de ingresso ao universo africano: a teia da oralidade – arquitetura oral das civilizações africanas; as relações dinâmicas com as ancestralidades históricas e cósmicas; e as relações dialética de mútua reciprocidade entre o mundo histórico – verificável – e o mundo sagrado – residência das forças ancestrais.(XAVIER, 2006,p 125)

È necessário destacar que as religiões afro-brasileiras ou religiões de matriz africana apresentam peculiaridades e desenvolvem-se em comunidades também particulares. São centros religiosos, de estudos e de descobertas que aprofundam a valorização do “saber” oriundo das culturas e tradições que a diáspora negra trouxe para o Brasil. (CAMPELO, 2006, p 134)

A diáspora africana significou a vinda de milhares de africanos para a América onde foram vendidos como mercadoria sem respeito nenhum aos seus direitos. Desconheceu-se assim o termo humanidade e desrespeitou-se o direito de ser livre, oportunizando um ser subjugar ao outro através de idéias de inferioridade, apenas para garantir a produção de riquezas. Os povos africanos que durante quatrocentos anos foram mercadoria nas mãos dos europeus em sua ganância por riquezas perderam o direito de construir em sua terra natal sua história. Há uma espécie de o bem versus o mal, quando o assunto orbita entre as manifestações religiosas do colonizador e as manifestações religiosas do colonizado.

As religiões africanas, criaram símbolos, rituais, divindades, cantos de louvores para celebrações religiosas. Estes cantos de louvores para celebrações religiosas, esses símbolos, divindades e rituais também estão presentes, a seu modo, nas religiões cristãs, muçulmana, judaica, budista, hinduísmo etc. Porque, na essência, todas as religiões tem o mesmo propósito: religar o que se sente está desligado (religare, do latim, o significado de religião). Mudam-se as pessoas, os rostos, as manifestações, os nomes

das divindades, por isso é importante abordar e apresentar as diferentes construções simbólicas da cultura afro.

A hegemonia teórica que privilegia apenas o conteúdo eurocêntrico nas escolas brasileiras contribuiu para a invisibilidade de determinados grupos culturais e de suas manifestações presente na cultura brasileira, dificultando uma consciência reflexiva e emancipatória da nossa população. É preciso criar novos espaços e eleger atores sociais para um conhecimento educacional diferenciado. (AFRICANIDADES BRASIL, 2006, p. 141)

Assim, ao abordar as manifestações das religiões como Candomblé, Umbanda, Xangô, Xambá, Batuque e tantas outras manifestações religiosas vislumbra-se conceitos e concepções histórico-culturais que demarcam os lugares de onde os sujeitos narram suas memórias e experiências. A imagem, a representação que docentes e educandos em grande maioria tem de um terreiro ou de uma casa-de-santo pode ser problematizada a partir das experiências do cotidiano, situando num tempo presente, mas também no passado.

Se nos documentos oficiais (PCNs, proposta curricular) cabe à disciplina de História no Ensino Médio ampliar estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando os educandos nas diversas temporalidades, possibilita também a apropriação de temas, concepções que irrompem a partir do cotidiano dos educandos. Redimensione aspectos da vida em sociedade, o papel do indivíduo nas transformações do processo histórico, as concepções políticas, as relações homem-natureza, as novas tecnologias, as desigualdades, os preconceitos, os diversos grupos étnicos, a compreensão do cotidiano em suas esferas privadas e públicas, etc são alguns elementos presentes no ensino de História. Mas, como problematizar temas polêmicos como das religiões afro brasileiras.

As religiões afro-brasileiras ocupam posição marcante na vida de várias cidades brasileiras desde o século XIX, acompanhando as mudanças histórico culturais no país, renovando-se e criando novas estruturas de culto e, por que não dizer, “tradições”. (CAMPELO, 2006, p 134)

No processo de reconhecimento dos espaços considerados sagrados na representação das religiões afro, tem-se diferentes concepções. São espaços que se

dimensionam no tempo presente, mas remetem suas práticas a concepções ancestrais de grupos étnicos. Segundo CAMPELO(2006, p 134-135):

Durante as festas ou no cotidiano do terreiro, diferentes estilos podem estar presentes, invocando, louvando e saudando os *orixás*, *voduns*, *inkissese ancestrais*. Porém é nos momentos mais íntimos da comunidade que surgem as histórias que rememoram os feitos dos deuses e atualizam, portanto, a memória e a valorização do patrimônio cultural. São narrativas que contam sagas, as relações dos deuses com os homens e as relações desse mundo com o outro.

Deste modo, apresentam a construção da pessoa enquanto ser humano e também a construção de uma certa identidade dos grupos afros. Neste sentido, assim como as ciências e outras práticas institucionais, as religiões se configuram como fontes organizadas de significados para a vida, códigos de comportamento, ou linguagens de interpretação do mundo, as comunidades afro-religiosas são capazes de oferecer a seus seguidores algo diferente daquilo que a religião dos *orixás* e dos *voduns*, em tempos mais antigos, podia certamente propiciar, quando sua presença significava para o escravo a ligação afetiva e mágica ao mundo africano do qual fora arrancado pela escravidão. CAMPELO(2006)

Quando estas religiões se organizaram no século XIX, permitiram ao iniciado a reconstrução simbólica, através do terreiro, da sua comunidade tribal africana perdida e a manutenção de seu *ethos* cultural (PRANDI, 1998).

O que se coloca no foco da discussão do Ensino Médio, em especial, pela via da reflexão histórica, hoje, em termos do desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos, é a possibilidade de transformar os conteúdos da vida dos jovens em ferramentas de leitura da realidade social.

Olga Cabrera(2006) realizou um estudo sobre as representações das religiões afro em Goiânia, apontando para a invisibilidade das práticas culturais herdadas e do cerceamento nos espaços educativos. Segundo a autora, especialmente em Goiás, há um vazio na temática sobre as culturas negras. O negro, como sujeito da história, está ausente ainda dos estudos sobre a escravidão, que focalizam, principalmente, o dado massivo. E que se reflete no ensino de História, ainda pautado pelo eurocentrismo, bem

como pelas matrizes culturais e religiões pertencentes a determinados grupos culturais e étnicos.

E em Santa Catarina? Mais especificamente na Grande Florianópolis, como se apresentam no ensino de História, as representações das religiões afro brasileiras? O que se insere no currículo no Ensino Médio? Como professores e educandos concebem a temática?

A lógica de problematizar essa questão não visa dar respostas, mas fundamentar as discussões a partir de propostas de temas geradores, que possibilitam uma ampliação na produção do conhecimento histórico. Principalmente concebendo as diferentes identidades étnicas produzidas e reconhecidas a partir da religião.

Um dos caminhos possíveis no ensino de História, seria a problematização e os estudos de História dos afro-brasileiros e de História de África, criando expectativas face à discriminação racial. Porém, é preciso romper alguns obstáculos, como o despreparo dos professores para efetivar uma política educacional que atenda à valorização de culturas na vivência diária escolar (SILVA, 2002, p. 33)

Desta maneira, educar, pela reflexão histórica, o educando do Ensino Médio, para uma maior flexibilidade de pontos de vista no ato de olhar para o mundo ao seu redor. Utilizando a representação das religiões afro brasileiras, estabelece um constante diálogo com os conteúdos da vida dos educandos, os quais podem trazer para o interior da sala de aula, o estudo reflexivo das diferentes concepções das religiões afro, dos sujeitos sociais que atuaram (atuam) nos contextos históricos. É uma possibilidade de acesso à diversidade de opiniões e ao confronto de opiniões, favorecendo o trabalho com conceitos, atitudes e valores.

Uma das possibilidades apresentadas ao longo de nossa análise se dá pelo ensino de História por Eixos Temáticos. “Os conteúdos desse modo, decorrem do eixo temático com flexibilidade para as diferentes situações escolares, sendo garantido, nesse processo, o domínio dos conceitos fundamentais a ser estudados” (BITTENCOURT, 2005, p. 127).

Visa-se então, propor o ensinar história, a partir da criação de espaços de aprendizagens significativos, através do incentivo a novas formas de posicionamento e a expressão de inquietações que promovam o envolvimento dos educandos nas reflexões.

Lançar mão de diferentes fontes que contemplem as concepções históricas pelo viés das religiões afro brasileiras, permite que educandos e professores, possam atingir os objetivos de um ensino diferenciado de história, no Ensino Médio, que valorize as contribuições das culturas múltiplas. A transposição dos saberes históricos para o nível médio, se faça através das representações das religiões afro brasileiras, com o desenvolvimento de determinadas competências, ligadas à leitura, análise, contextualização e interpretação das diversas fontes e testemunhos das épocas passadas e do próprio tempo presente.

Assim, as mudanças no ensino de História, deixam transparecer as perspectivas ou posturas políticas daqueles que as proponham. Como aponta Fonseca (2006, p 19)

Num primeiro momento, elas se processaram em estreita consonância com as diretrizes políticas do poder do Estado autoritário. Num segundo momento, constatamos o poder das forças sociais emergentes no processo de redemocratização, intervindo diretamente nas mudanças afetadas ao ensino e à produção da história.

Deste modo, abordar as representações das religiões afro brasileiras nas aulas de História do Ensino médio, pode ampliar a concepção de redemocratização do ensino, valorização das culturas, inserção da diversidade nos espaços escolares. Incorporar temas da cotidianidade, dos saberes e identidades culturais diversificadas, rompe com os conteúdos curriculares, como lembra Montserrat Moreno (1999, p. 35-37) que têm sua origem na cultura clássica grega de caráter altamente elitista, o que permite, em última instância o reconhecimento de outras construções históricas.

Referências Bibliográficas:

ARROYO, Miguel. As relações sociais na escola e a formação do trabalhador. *In: FERRETTI, Celso et alii. Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999.

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

BRAGA, Maria, SOUZA, E., PINTO, Ana (orgs). Dimensões da inclusão no ensino médio : mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

FONSECA, S. G. **Caminhos da História ensinada**. Campinas: Papyrus, 1994.
_____. **Didática e prática de ensino de História**: experiências, reflexos e aprendizados. Campinas: Papyrus, 2006.

HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 2a ed. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KOSTER, Henri. Eleição do rei do congo. *In*: CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MORENO, Montserrat. Temas transversais: um ensino voltado para o futuro. *In*: BUSQUETS, Maria Dolores *et alii*. *Temas transversais em educação*. São Paulo: Ática, 1999.

ORO, Ari. Religiões afro-brasileiras em Rio Grande do Sul. Passado e Presente. *Estudos Afro- Asiáticos*, v. 24, n. 2, Rio de Janeiro, 2002

LINDOSO, Dirceu. *A utopia armada – Rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real (1832-1850)*. São Paulo: Paz e Terra, 1983

SILVA Jr., Hédio. *Discriminação racial nas escolas*. Brasília: Unesco, 2002